

FHC condena desigualdade entre as nações

Jean-Loup Gautreau/AFP

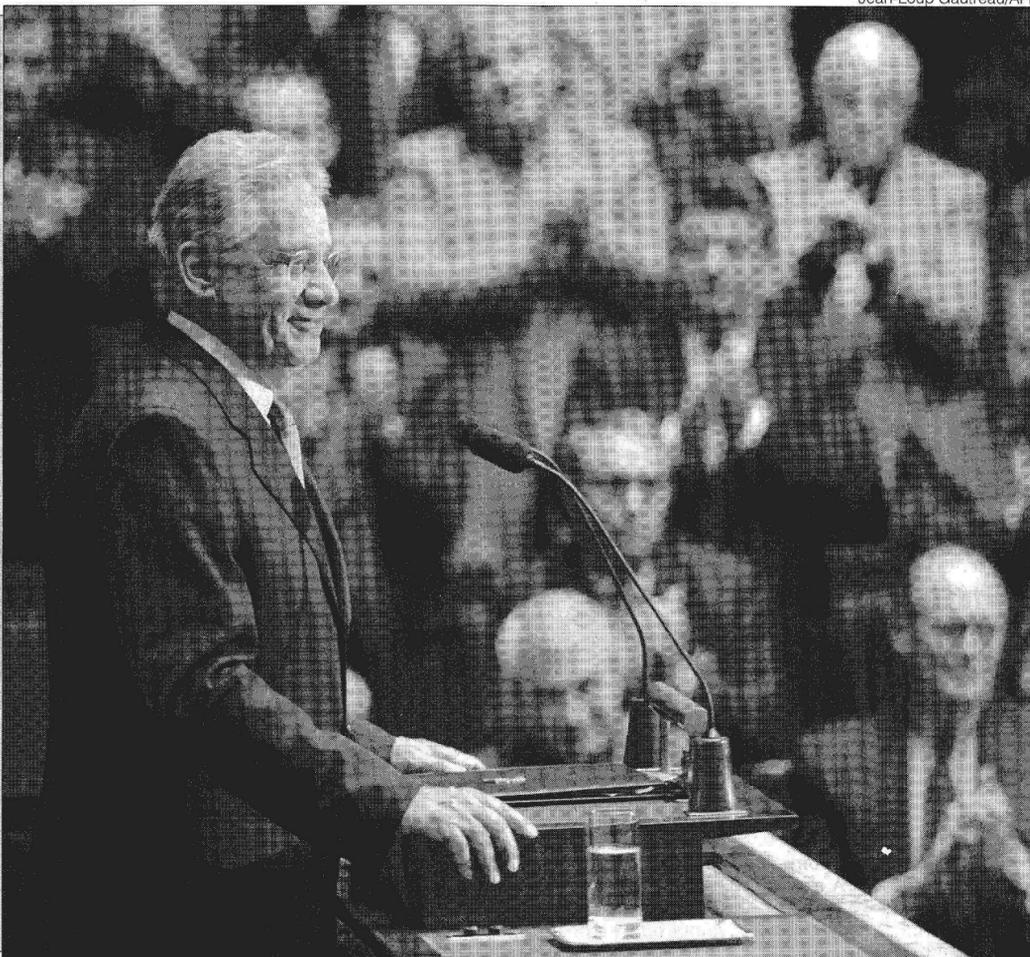
“Lutemos por uma ordem mundial que reflita um contrato entre nações realmente livres, e não apenas o predomínio de uns Estados sobre outros, de uns mercados sobre outros”

Se o mercado é o instrumento mais eficiente para a geração de riqueza, é preciso impor limites a suas distorções e abusos

A barbárie não é somente a covardia do terrorismo, mas também a intolerância ou a imposição de políticas unilaterais em escala planetária

Se é certo que a globalização aproxima mercados e sistemas produtivos, não é menos certo que a paz no mundo depende da difusão de uma ética da solidariedade

O Brasil já demonstrou sua solidariedade ao reduzir, quase anulando, as dívidas de vários países pobres tanto da África quanto a América Latina. Se o Brasil já pode fazê-lo, por que outros países mais desenvolvidos não poderiam fazer o mesmo?”



Na Assembléia Nacional da França, sob aplausos, presidente defende a “ética da solidariedade”

MIRIAN GUARACIABA

PARIS – Num texto em que mesclou, com sofisticação, princípios democráticos, pregação pela paz, condenação das desigualdades entre as nações, o presidente Fernando Henrique Cardoso fez defesa veemente de um novo ordenamento mundial, e criticou o comportamento hegemônico dos EUA, durante discurso na Assembléia Nacional da França. “Lutemos por uma nova ordem mundial que reflita um contrato entre nações realmente livres, e não apenas o predomínio de uns Estados sobre outros, de uns mercados sobre outros”, afirmou.

O presidente brasileiro falou da importância do fortalecimento da democracia, do vigoroso Protocolo de Kyoto (meio ambiente), do estatuto do Tribunal Penal Internacional e de solidariedade entre as nações. “Se é certo que a globalização aproxima mercados e sistemas produtivos, não é menos certo que a paz no mundo depende de uma ética da solidariedade”, ressaltou. “O Brasil já demonstrou sua solidariedade ao reduzir, quase anulando, dívidas de países pobres tanto da África quanto da América Latina. Se o Brasil pode fazê-lo – porque outros países não poderiam fazê-lo?”

O discurso de quatro laudas e 16 minutos foi interrompido nove vezes por aplausos de deputados franceses, autoridades e empresários convidados. O presidente falou de sua formação como democrata – boa parte aprendida entre mestres franceses – da “aceitação do outro” e da transigência como norma de vida.

Discursando em francês, da imponente tribuna da Assembléia Nacional, palco ocupado há um ano pelo primeiro-ministro britânico Tony Blair e há dois pelo então presidente dos EUA Bill Clinton, Fernando Henrique foi o primeiro líder latino-americano e o décimo chefe de Estado e de governo a falar no Parlamento francês.

Elogios – “O presidente é muito equilibrado em suas posições”, elogiou Jean Pierre Chevenement, candidato à Presidência da França pelo Movimento pela Democracia, partido de esquerda que faz oposição ao presidente Jacques Chirac. “Foi um discurso de esquerda”, brincou o amigo de velha data, Alain Tourraine, que conheceu Fernando Henrique em 1968, quando morou na França. Na platéia, estavam ainda o primeiro-ministro francês, Lionel Jospin, o presidente do Partido Comunista, Robert Hue, e empresários, como Serge Dassault, ex-presidente da Dassault, parceira da Embraer no Brasil.

No discurso, que começou às 15 horas, Fernando Henrique lembrou de seus mestres e momentos de exílio – “nos anos 70, o exílio me trouxe a Paris. Vivi de perto os dias libertários de maio de 1968”. E chegou aos dias de hoje, condenando enfaticamente a tese que trata os atentados de setembro como “choque de civilizações”. “Nos opomos tenazmente ao discurso de que existe de um lado o Ocidente judaico-cristão, de outro, a civilização muçulmana”.

Os primeiros aplausos, o presidente recebeu quando defendeu o enfrentamento, com igual vigor, do terrorismo e das causas profundas e imediatas de conflito, de instabilidade, de desigualdade. “Não podemos mais suportar a carga de sofrimento, violência e intolerância que há muito impede que se chegue a uma solução justa e duradoura para o conflito entre israelenses e palestinos. O direito à autodeterminação do povo palestino e o respeito à existência de Israel como Estado soberano, livre e seguro são essenciais para que o Oriente Médio possa reconstruir o futuro em paz.”

Ao encerrar seu pronunciamento, aplaudido de pé, o presidente emendou uma homenagem aos franceses. “Vive la France”, bradou.